

Ensino de literatura estrangeira numa perspectiva decolonial com o livro *La linea del colore* de Igiaba Scego

*Teaching foreign literature from a decolonial perspective with the book *La linea del colore* by Igiaba Scego*

Daniela Severo de Souza Scheifler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Ríó Grande del Sur, Brasil

Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Ríó Grande del Sur, Brasil

Resumo: o artigo se desenvolve a partir do projeto de ensino de literatura italiana em uma perspectiva decolonial, desenvolvido no curso de graduação Letras-Italiano da UFRGS, na disciplina de Cultura Italiana. A disciplina prevê o estudo do Estado Italiano, sua organização física, social e política. Com o livro *La linea del colore* da escritora afro-italiana Igiaba Scego é possível trazer para a bibliografia do ensino da cultura italiana, um romance histórico que narra uma história-outra da Itália, para além do apagamento das identidades plurais em nome de um projeto colonial de Estado-Nação, ocorrido no século XIX.

Palavras-chave: Ensino de Literatura italiana. Igiaba Scego. Pensamento Decolonial.

Abstract: This paper stems from a decolonial perspective project for teaching Italian literature, developed within the Italian Culture discipline of the Italian Language and Literature undergraduate course at UFRGS. The discipline involves studying the Italian State, its physical, social, and political organization. Using the book "La linea del colore" by Afro-Italian writer Igiaba Scego, it's possible to introduce a historical novel into the bibliography for teaching Italian culture that narrates an alternate history of Italy, moving beyond the erasure of plural identities in the name of a 19th-century colonial nation-state project.

Keywords: Teaching Italian Literature. Igiaba Scego. Decolonial Thought.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se desenvolve numa perspectiva pedagógica decolonial e intercultural (Walsh, 2006) e se aplica junto ao projeto de ensino de literatura italiana desenvolvido no curso de graduação em Letras - Italiano da UFRGS. O projeto foi desenvolvido na disciplina de Cultura Italiana I com o livro *La linea del colore* (2020), ou a linha da cor, ainda sem tradução no Brasil, da escritora afro-italiana Igiaba Scego. A escritora nasceu em Roma, em 1974, e é filha de pais somalis que se refugiaram na Itália após o golpe ditatorial de Siad Barre, em 1969. A Somália, recém independente do colonialismo italiano que perdurava desde a partilha da África, em 1889, passou a sofrer

com golpes de Estado e, desde 1991, vive uma guerra civil sem fim. Scego possui quatro dos seus inúmeros livros traduzidos no Brasil¹ e é uma escritora que estabelece um diálogo bastante frutífero entre o continente africano, o europeu e o latino-americano. Igiaba é apaixonada pela música dos trópicos, tendo inclusive escrito um livro em homenagem a Caetano Veloso, *Caminhando contra o vento* (2018), e é leitora voraz de literatura brasileira, indo de Clarice Lispector a Ana Maria Gonçalves. A literatura de Igiaba narra uma história-outra da Itália, para além do apagamento das identidades plurais em nome de um projeto colonial de Estado-Nação, ocorrido no século XIX.

O ensino da cultura e da literatura italiana no Brasil, por consequência, revitaliza-se ao contar com novos autores da chamada literatura pós-colonial ou literatura de imigração, autores que vêm reescrevendo a nação italiana (Romeo, 2018) com suas narrativas que trazem para o debate a história invisibilizada do colonialismo italiano e que estão questionando o conceito já bastante controverso de identidade italiana construída como um país de brancos. Houve um intenso trabalho de apagamento para invisibilizar a presença e a inteligência negra, nesse processo de unificação, presença essa atestada desde os tempos do império romano com os afrodescendentes que fizeram a história da Itália (Delli, 2024). Essas literaturas se colocam como um dos fenômenos culturais e artísticos mais relevantes das últimas décadas no cenário italiano, com o devido impacto no ensino de língua e literatura italiana estrangeira aqui no Brasil. Esses escritores, além de evidenciar as inúmeras mudanças ocorridas na Itália desde o final da década de 1980, com as migrações globais e transnacionais, têm questionado a forma como esse país se construiu como um Estado-nação com seu projeto colonial baseado no apagamento da história de outros povos de outras origens étnico-raciais, principalmente a negra. Sendo Igiaba Scego uma escritora contemporânea bastante atuante, é possível encontrar inúmeros materiais autênticos seus, disponíveis em rede, como entrevistas, artigos e podcasts, facilitando dessa forma, o desenvolvimento do projeto de ensino de cultura, língua e literatura italiana com seus livros e todas as temáticas que eles evocam. É neste cenário de giro decolonial que este trabalho se insere e privilegia o livro *La linea del colore* (2020). Neste livro, ainda sem publicação no Brasil, a escritora apresenta um romance histórico que narra os acontecimentos com relação à imigração da Itália de hoje, mas também daquela do final do século XIX, durante o processo de Unificação Italiana. O trabalho pretende discutir teoricamente a importância do ensino da língua e da literatura italiana no Brasil, numa perspectiva antirracista, de modo a escurecer os fatos² com relação à história e à cultura italiana. O artigo também se propõe a relatar como foi proposto e desenvolvido o trabalho com o livro de Igiaba na disciplina de cultura italiana I.

¹ *Adua*, *A minha casa é onde estou* e *Caminhando contra o vento*, todos publicados em 2018. Em 2024 publicou *Cassandra em Mogadíscio*. Todos os livros foram publicados pela Editora Nós e traduzidos por Francesca Cricelli.

² “esclarecimento” é considerado por alguns integrantes do Movimento Negro como um termo racista por fazer referência ao ato ou efeito de clarear para tornar algo compreensível. Segundo o MNU (Movimento Negro Unificado do Ceará), os termos “escurecer” ou “enegrecer” são utilizados para substituir “esclarecer” por darem a ideia de um posicionamento do indivíduo como pessoa negra, como uma forma de “negar que algo deva ser necessariamente branco”. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/apresentadora-petista-troca-esclarecimento-por-escurecimento/>.

Acesso em: 21 jun. 2025.

2 IGIABA SCEGO, ROMANCISTA ITALIANA

Igiaba Scego é uma escritora italiana, nascida na Roma dos anos 70, filha de pais somalis refugiados da Somália à época do golpe ditatorial de Siad Barre, em 1969. Seu pai foi um homem comprometido com a política, empenhado em dar um futuro democrático à Somália. A ditadura, porém, o obrigou a refugiar-se na Itália. Sua mãe, por sua vez, era de uma tradição nômade, na qual fora criada até os nove anos. Era ela quem contava à filha as histórias da Somália, quando criança, e foi desse modo que Igiaba aprendeu a falar o somali, sua língua materna das histórias e canções. Em outro livro, o *La mia casa è dove sono* (2010), traduzido no Brasil como *A minha casa é onde estou* (2018), Igiaba, herdeira de duas culturas milenares, narra como essas duas histórias e culturas, da Itália e da Somália, se cruzaram no século XX de maneira conflituosa e violenta, envolvendo-a e a sua família³. A escritora teve seus livros traduzidos em diversos países e colabora com revistas e jornais como *Il Manifesto* e *Internazionale*, periódicos que não são controlados pelos interesses econômicos da grande mídia. Igiaba é escritora, jornalista, formada em Línguas Estrangeiras, com ênfase em língua espanhola, pela *Sapienza Università di Roma* e é doutora em pedagogia na área dos estudos pós-coloniais pela mesma universidade.

Situa-se Igiaba Scego explicitamente como uma romancista italiana em vista da publicação de *La linea del colore*, ocorrida em 2020, pela editora Bompiani a apresentar exatamente dessa forma. Apresentação inédita, uma vez que a literatura de Igiaba, bem como de tantas outras escritoras e escritores afro-italianos, foi antes publicada na seara das literaturas de migração, de autobiografia ou das literaturas pós-coloniais. É a própria escritora que, em entrevista, relata essa mudança e a emoção de finalmente ser retratada como uma escritora italiana⁴. Isso porque as literaturas de migração são sempre associadas às narrativas de si. Igiaba ressalta que toda e qualquer literatura é sempre parte de uma narrativa de si, mas que aos afros-italianos é sempre negado o direito à imaginação e à invenção: “o privilégio epistêmico do homem ocidental foi construído à custa dos genocídios/epistemicídios dos sujeitos coloniais” (Grosfoguel, 2016, p. 25) e, que é por isso mesmo, que ela resolveu escrever em *La linea del colore* um romance histórico, partindo de fontes reais, de pessoas que realmente existiram, mas usando do seu talento de romancista para inventar e imaginar e, assim, contar uma história-outra. Segundo a escritora, a invenção é constantemente negada às pessoas cuja cor da pele é negra. Igiaba diz que queria que as pessoas entendessem que a população afrodescendente tem também direito à imaginação e que é possível criar partindo de bases absolutamente reais. Igiaba se diz uma romancista, uma narradora, uma coletora de histórias e conclui dizendo que se quiser, como já o fez no passado, escreverá histórias biográficas. Porém, quer que o direito

³ O livro *La mia casa è dove sono* (2010) foi utilizado anteriormente para projetos de literatura no Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão da UFRGS e o relato dessa experiência pode ser lido no capítulo III “Um relato de experiência com o livro *La mia casa è dove sono* de Igiaba Scego” no e-book *Jornadas do Nele: boas práticas no ensino de línguas*, disponível no site do Nele da UFRGS: https://www.ufrgs.br/nele/?page_id=44

⁴ *La linea del colore* di Igiaba Scego: "Italiana, nera e scrittrice: ecco la Black Italy". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wXAiLzHZ8Qc&t=1s>. Acesso em: 21 jun. 2025.

à imaginação não seja negado nem a ela, nem àqueles que têm a mesma cor que a sua e que se sentem minoria na Itália.

E, ainda que a obra de Igiaba seja colocada frequentemente na seara das literaturas de migração ou das literaturas pós-coloniais, neste artigo sustenta-se que Scego seja uma escritora e intelectual decolonial, devido ao seu intenso diálogo com a América Latina. Na maioria dos seus livros, ela relaciona os acontecimentos ocorridos entre os continentes africano, americano e europeu e faz menção “à longa história colonial na América Latina e suas reações aos afeitos da colonização, que podemos chamar de colonialidade” (Costa; Grosfoguel, 2016, p. 15). A escritora ítalo-somali vem estabelecendo um intenso diálogo com o Brasil, foi convidada para a Festa Literária Internacional de Paraty, em 2018, ocasião na qual três de seus muitos livros, foram publicados pela editora Nós: *A minha casa é onde estou*, *Adua* e *Caminhando contra o vento*, este último escrito em homenagem a Caetano Veloso e no qual ela analisa as músicas de Caetano mostrando justamente essa ligação do cantor com as suas origens negra e indígena. Igiaba é também autora de artigos que demonstram esse intenso diálogo com a literatura brasileira⁵.

Em 2024, a escritora veio novamente ao Brasil para o lançamento do seu último livro publicado pela mesma editora: *Cassandra em Mogadiscio* (2024), ocasião na qual ela participou de conferências e debates sobre o livro promovidos pela UFRJ e fez um *tour* divulgando seu livro em outras tantas capitais: São Paulo, Salvador, Campinas, entre outras. Já o tema da mesa de Igiaba, na Flip, foi sobre o livro *La mia casa è dove sono* e era justamente sobre casa, as fronteiras, as migrações e falar de uma Itália e de um mundo que é multicultural. Nessa ocasião, a escritora diz ter encontrado na América Latina, através das músicas de Caetano Veloso, da literatura brasileira e na obra de Gloria Anzaldúa, estudiosa da cultura chicana e das teorias feministas e *queer*, uma chave para pensar a sua própria identidade também mestiça e portadora de uma nova consciência. Em *A Minha casa é onde estou*, Igiaba cita uma poesia de Anzaldúa para ilustrar o processo de gentrificação e divisão de territórios do bairro Trastevere, em Roma, ocorrida à época da Unificação Italiana⁶ e ela compara essa divisão com os ossos de uma santa divididos entre duas igrejas na Espanha e com a diáspora somali no mundo que dividiu muitas famílias, inclusive a dela:

Siamo le reliquie sacre
Le ossa disperse di una santa
Le più amate ossa di Spagna
Ci cerchiamo (Scego, 2010, p. 114)⁷

Scego é também autora do artigo “Viajantes”, na obra *Fronteiras*, um livro de textos inéditos publicado no Livercultura Festival Literário. Em seu artigo, ela reflete sobre os passaportes e a sua valoração no mundo e sobre a importância do direito à viagem; além disso, cita obras que trabalham com essa problemática: o romance da escritora nigeriana

⁵ Disponível em: <https://www.origamisetimanale.it/2016/07/22/speciali/dal-ser-to-alle-favelas-la-riscoperta-delle-radici-9f3RaZ50pBlj1uaQQFbTrN/pagina.html>. Acesso em: 21 jun. 2025.

⁶ A unificação da península italiana com a proclamação do Reino da Itália ocorreu em 17 de março de 1861. A unificação seguiu em 1886 com a incorporação do Vêneto e, em 1870, com a conquista de Roma.

⁷ “Os ossos dispersos de uma santa Os mais amados ossos de Espanha Nos buscamos”

Chimamanda Ngozi Adichie, *Americanah* (2014), e o conto “Embaixada Americana” do livro de contos *No seu pescoço* (2018). Esse é o tema que se desenvolve também numa das linhas do seu romance *La linea del colore*, quando a prima de Leila, Binti, resolve fazer a viagem ilegal dos migrantes da Somália à Itália, chamada em somali *Tharib*. Uma viagem na qual se paga uma cifra enorme para viajar e não há garantias de chegar ao destino e nem de voltar dele vivo, principalmente no caso das mulheres.

A escritora propõe com os seus livros um modo de encontrar uma nova estrada em meio ao conflito de ser uma italiana filha de pais somalis e cria com a sua literatura um antídoto para o ódio ao diferente. *Em Minha casa é onde estou*, ela relembra as histórias e canções em somali ouvidas durante a infância, cria um mapa na tentativa de desenhar a vida de uma família sacudida pelo caos de uma guerra que se passa (nem tão) longe, espacialmente falando, mas muito perto do ponto de vista emocional. E que perdura.

A Literatura de Igiaba suscita inúmeras reflexões a respeito das identidades diaspóricas vítimas do racismo e da colonialidade de gênero (Lugones, 2020) que incidem violentamente sobre a vida dos africanos, mais especificamente aqui, das mulheres de cor, africanas retintas que migram para a Europa, frequentemente para o país de seus colonizadores. Em seus livros, Igiaba traz para a cena literária uma história não contada, apagada ou, na melhor das hipóteses, contada de forma bastante parcial. É a partir desse lugar, do *locus* da enunciação fraturado pela diferença colonial (Lugones, 2020), que Igiaba narra e rompe o silêncio.

Scego vive numa Itália, destino de uma forte migração de africanos que atravessam o mar Mediterrâneo em busca de melhores condições de vida, mas esse que se transformou em um verdadeiro cemitério a céu aberto, em vista das precárias embarcações que o atravessam, cheias do que se convencionou chamar de refugiados. E, assim como Glória Anzaldúa, chamada por Chela Sandoval de “teórica da esperança”, Igiaba, ao mesmo tempo que denuncia o racismo, traz à tona o colonialismo italiano e a necropolítica endereçada aos imigrantes: “a máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 5), propõe com a sua literatura uma possibilidade de cicatrização das violências que as fronteiras impõem, além de propor uma nova maneira de relação entre os povos.

3 LA LINEA DEL COLORE

Esse significado é de seu interesse, generoso leitor, pois o problema do século XX é o problema da linha de cor. (W. E. B. Du Bois)⁸

⁸ O termo “color line” como forma de descrever a discriminação racial nos Estados Unidos surgiu em meados do século XIX. É o título, por exemplo, de um artigo de Frederick Douglass publicado em 1881. O próprio Du Bois usou o termo em textos e falas já no final do século XIX, mas foi somente a partir dessa citação em *Almas do Povo Negro* que o termo se consolidou. Ele também tem sido traduzido como “barreira de cor”. (Du Bois, 2021, p. 15)

A protagonista do romance *La linea del colore* é Lafanu Brown. E, Igiaba, para construir essa personagem, se inspirou em duas mulheres que realmente existiram na Roma da metade do século XIX. Na figura de Lafanu se unem as vidas de duas mulheres afrodescendentes que realmente existiram, mulheres que foram para a Itália partindo dos Estados Unidos, país no qual até o Movimento dos Direitos Civis nos anos 1960, os negros nem sequer eram considerados cidadãos. Uma delas era Edmonia Lewis, uma escultora, uma mulher lésbica que se converteu ao catolicismo e foi uma das primeiras mulheres negras a obter sucesso internacional no mundo das artes. E a outra era Sarah Parker Remond, médica obstétrica e uma ativista sufragista. As duas tiveram vidas muito ativas e criativas. Igiaba diz que foi incrível descobrir que verdadeiras mulheres negras, e elas não eram as únicas, viviam na sua Roma do século XIX. O romance é também o narrar de uma Roma e de uma Itália colonial do século XIX. O livro foi construído justamente sobre a ideia de uma Itália como país da beleza e da arte. Lafanu Brown deseja essa Itália que primeiro lê nos livros e depois conhece pessoalmente. Essa ideia de beleza, porém, na Roma colonial se mostra decadente. E quando chega em Roma, a notícia da tragédia de Dogali, em Eritreia, local onde morreram muitos italianos, mas também muitos africanos, em fevereiro de 1887, Lafanu Brown, uma cidadã de Roma já há muitos anos, está voltando da sua caminhada. A sua pele é negra e a ira da multidão se volta contra ela. Um homem a tira dali e a leva para um lugar seguro e é a ele que Lafanu decide contar sua história. Lafanu começa com a história do seu nascimento em uma tribo indígena Chippewa. Ali, um estrangeiro de pele muito escura amou sua mãe e depois desapareceu. Lafanu conta a respeito da mulher que lhe permitiu estudar, mas que a considerou ingrata quando ela quis seguir seu próprio caminho. Narra o abolicionismo e a violência desse processo, o encontro com sua mentora Lizzie Manson, até a grande escolha de embarcar em um navio a vapor com destino à Europa, em um *Grand Tour* em busca de beleza e independência.

Na Itália, de um modo geral, não se fala de colonialismo do século XIX porque tem-se a errônea ideia de que o colonialismo tenha sido fascista, tenha sido somente a partir de Mussolini. De fato, Mussolini colonizou e o seu colonialismo foi bastante feroz. Porém, Mussolini aprendeu com o século XIX. O colonialismo se deu concomitantemente à unificação da Itália com assédio e saque de povos considerados primitivos e mais fracos. Igiaba quis também escrever sobre uma Roma de um período histórico muito delicado, isto é, a passagem da Roma Pontifícia àquela unitária. O romance se desenvolve em duas linhas: conta a história de Lafanu Brown e do *gran tour* de uma pintora negra que viajou dos Estados Unidos para a Itália no século XIX e de Leila, uma estudante italiana e negra, na Itália dos dias de hoje. Leila estuda arte e tece os fios entre o passado de Lafanu e o destino de seus primos que ficaram em África; ela estuda os *topos* do escravo negro acorrentado presentes em muitas obras de arte e monumentos espalhados pela Itália, como por exemplo, a fonte dos Quatro Mouros, na cidade de Marino, na Itália. Fonte essa em torno da qual se festeja a colheita da uva todos os anos. Esse monumento é observado com angústia seja por Lafanu Brown, seja por Leila, pois nele há estátuas de escravizados acorrentados. O que choca especialmente as duas é as escravizadas acorrentadas e nuas:

Sentivi che quei prigionieri, in particolare le due donne, mi stavano chiedendo aiuto. Però io non sapevo come liberarle. Povere donne senza nome. E povera me che non riuscivo a dar loro un nome. Tre sorelle nere, estranee l'una dall'altra, divise dai secoli, ma così vicine nella sofferenza. Perché essere neri significava ancora una volta avere a che fare con le catene che lasceravano la nostra carne [...] significava vivere nella costante paura di perdere il corpo. E quelle due donne il loro corpo l'avevano perso per l'eternità. (Scego, 2020, p. 60)⁹

Leila observa com horror a festa se desenvolver em torno da fonte sem que ninguém, além dela, se incomode com as estátuas de mulheres negras escravizadas. A naturalização da violência sobre os corpos negros foi construída e executada há séculos. E segue acontecendo sem grande comoção. Ao final do livro *La línea del colore*, há inúmeras fotos desses monumentos, espalhados pela Itália, de escravizados acorrentados.

Scego conta em entrevista o intenso trabalho com as fontes históricas da Itália do século XIX para construir esse romance no qual ela reflete sobre a presença negra na Roma do século XIX. De fato, o livro se abre com um prólogo em que Igiaba conta inúmeros eventos da Itália à época da unificação, uma delas é a batalha na qual os italianos perderam vergonhosamente para o povo abissínio, a Batalha de Dogali, em fevereiro de 1887. Essa derrota foi amplamente apagada das notícias da época, pois estilhaçava o espelho narcísico de um Estado forte e superior aos negros africanos. Na primeira e mais prestigiosa enciclopédia italiana, amplamente consultada por professores e alunos, a batalha vem descrita desta forma:

Dogali

Località dell'od. Eritrea, a 18 km da Massaua, luogo della battaglia avvenuta il 26 gennaio 1887 fra le truppe coloniali italiane e le forze etiopiche durante il primo tentativo di espansione italiana in Eritrea. Un contingente comandato dal tenente colonnello T. De Cristoforis, inviato in soccorso del presidio italiano di Saati, assediato da Ras Alula Engida, fu da questi intercettato e distrutto a D. (431 morti, 60 feriti). La disfatta suscitò un'ondata di emozione in Italia, portò alle dimissioni del governo Depretis e inoltre responsabilità e competenze legate all'Eritrea passarono dal ministero degli Esteri a quello della Guerra, ma ciò non rallentò l'espansione coloniale in Eritrea. (Treccani, 2010)¹⁰

E, ainda que se fale em tropas coloniais italianas, segue-se falando em tentativa de expansão italiana. Como diz Igiaba e outros tantos escritores e intelectuais, na Itália se fala

⁹ *“Quem as olhava sentia que aquelas prisioneiras, especialmente as duas mulheres, clamavam por socorro. Mas eu não sabia como libertá-las. Pobres mulheres sem nome. E pobre de mim, que não conseguia dar-lhes um nome. Três irmãs negras, estranhas uma à outra, separadas por séculos, mas tão próximas no sofrimento. Porque ser negra significava ter que lidar novamente com as correntes que laceravam a nossa carne [...] significava viver constantemente com medo de perder o corpo. E aquelas duas mulheres haviam perdido seus corpos por toda a eternidade.”*

¹⁰ *“Dogali : Localização da atual Eritreia, a 18 km de Massawa, local da batalha travada em 26 de janeiro de 1887 entre tropas coloniais italianas e forças etíopes durante a primeira tentativa de expansão italiana na Eritreia. Um contingente comandado pelo Tenente-Coronel T. De Cristoforis, enviado em auxílio da guarnição italiana de Saati, sitiada por Ras Alula Engida, foi interceptado e destruído em D. (431 mortos e 60 feridos). A derrota causou uma onda de comoção na Itália, levou à renúncia do governo Depretis e à transferência de responsabilidades e competências relacionadas à Eritreia do Ministério das Relações Exteriores para o Ministério da Guerra, mas isso não desacelerou a expansão colonial na Eritreia.”*

muito de fascismo e quando se fala de colonialismo, se coloca toda a culpa em Mussolini, mas a verdade é a Itália colonizou a si mesma, o seu sul, e muitos países do continente africano, muito antes de Mussolini, antes inclusive mesmo da Partilha da África em 1889, uma vez que a Batalha de Dogali, em 1887, já era uma tentativa de conquista.

Em *La linea del colore*, Igiaba dialoga amplamente com os eventos da Unificação italiana, ou seja, com os eventos ocorridos à época do nascimento desse país como Estado-Nação, da metade até o fim do século XIX, na corrida para atingir e usufruir da chamada modernidade, essa intensamente implicada com a colonização. Através do romance, a escritora narra a fragmentação política, territorial e social, assim como coloca ao lado dessa história documentada e difundida a Europa que construiu a história com o privilégio de colocar-se como *locus* da enunciação, uma história pouco contada, o avesso dessa mesma nação. A escritora começa com a Batalha de Dogali, no prólogo, retrocedendo em um século para falar da Revolução Haitiana que, não a caso, foi outra revolução amplamente apagada dos livros de história, pois um dos eixos do projeto colonial se dá no apagamento da história, dos saberes, das lutas e revoluções: “houve um processo de dissimulação, esquecimento e silenciamento de outras formas de conhecimento que dinamizavam outros povos e sociedades” (Costa; Grosfoguel, 2016, p. 18). Lafanu Brown é uma personagem filha de uma mulher que pertence a uma tribo indígena norte-americana chamada de Chippewa e filha de um haitiano, pele cor de café, que estimulava a tribo Chippewa a revoltar-se. Quando os dois se conhecem, ele diz a ela que no seu sangue corria a revolta, pois era sobrinho de um homem corajoso que havia combatido “*per liberare l’isola, la loro bella isola di Haiti, dai francesi*” (Scego, 2020, p. 23)¹¹. Na leitura do romance, é possível trabalhar com outros eventos históricos, ocorridos no nosso continente, que foram amplamente apagados dos livros de história, como por exemplo, a Revolução Haitiana. Apagada da história justamente por tratar-se de uma revolta do povo negro. De um modo geral, quando se pergunta aos estudantes se eles estudaram essa revolução, a resposta é não. Já a Revolução Francesa todos estudaram.

Voltando à Itália, fica evidente o grande abismo que existia entre os interesses daqueles que buscavam a unificação e a colonização dos países africanos e o povo italiano miúdo, heterogêneo, o soldado que aceitava partir, pois: “erano tutti diversi, e quei nuovi italiani ci tenevano a essere loro stessi. Ci tenevano ai loro accenti, alle loro vocali allungate, ai loro capelli arruffati e ai loro ciuffi castani” (Scego, 2020, p. 12)¹². A escritora ressalta a diversidade do povo italiano, bem como a resistência com relação a uma homogeneização entre eles. Faz-se referência à infinidade de dialetos, mais de 400, assim como Igiaba também ressalta a similaridade entre italianos e o povo eritreu: “non c’erano specchi in cui guardarsi, li a Saati. Ma molti sapevano in cuor loro che non erano poi così diversi da quelli abissini che dovevano conquistare e combattere. Stessa pelle ambrata, stessi occhi grandi, stesse membra allungate, stessi ricci ribelli” (Scego, 2020, p. 12)¹³.

¹¹ “*para libertar a ilha, a sua bela ilha do Haiti, dos franceses*”.

¹² “*Eram todos diferentes entre si, e aqueles novos italianos faziam questão de ser eles mesmos. Gostavam dos seus sotaques, de suas vogais alongadas, de seus cabelos bagunçados e de seus tujos castanhos.*”

¹³ “*Não havia espelhos para se olharem ali em Saati. Mas muitos sabiam, em seus corações, que não eram tão diferentes dos abissínios que tinham que conquistar e combater. A mesma pele âmbar, os mesmos olhos grandes, os mesmos membros alongados, os mesmos cachos rebeldes.*”

Nesse trecho a escritora desvela algo da identidade italiana que se quis sempre apagar, a similaridade fenotípica de muitos italianos, principalmente os do Sul, com os povos do continente africano dos quais não estão assim tão distantes nem fenotipicamente, nem geograficamente. E por que os italianos iam guerrear com povos assim tão vizinhos? A esse respeito: “Peró la paga era buona e a casa c’erano i neonati che piangevano e donne che li aspettavano. Avevano fame, a casa. La paga da soldato poteva coprire tutti i buchi. Erano i soldi, più che la patria ad averli portati in Africa Orientale” (Scego, 2020, p. 12)¹⁴.

Era a sobrevivência, mais do que o patriotismo, a levar os soldados italianos a colonizarem a sua fatia de continente africano. No século XVI, com o posterior impacto da conquista das Américas, o sistema de poder baseado em diferenças religiosas passa a se constituir pelas diferenças raciais (Maldonado; Torres, 2008, p. 230). A Itália da época era bastante pobre, um país que, geograficamente, com exceção do norte, não oferecia muitos recursos naturais dos quais se pudesse extrair alguma riqueza. Atravessada por uma cadeia de montanhas, chamada de Apeninos, a Itália tinha e tem até hoje pouco espaço para agricultura. Ia-se para a guerra em vista de uma suposta falta de alternativa para sobreviver. O que não se fala é que, na Itália, a ascensão da burguesia durante a Unificação Italiana não significou uma real decadência da aristocracia e mudanças benéficas para o povo prometidas pela unificação. Houve uma continuidade do poder nessas esferas e uma burguesia corrupta que desejava as insígnias da nobreza (Galli, 2010). Sendo assim, colonizar e expropriar riquezas de outros países foi a solução encontrada, até porque a Itália precisava fazer frente às outras grandes nações europeias no que se refere à tal “expansão” pelo continente africano. E, para isso, era preciso criar um outro, inferior e primitivo, não dotado de capacidades. E, caso, os povos ditos primitivos mostrem alguma capacidade, é preciso apagar, camuflar para que não se saiba: “a inferioridade epistêmica foi um argumento crucial, utilizado para proclamar uma inferioridade social biológica, abaixo da linha da humanidade” (Grosfoguel, 2016, p. 40). Na batalha de Dogali, as tropas italianas, insufladas pela suposta superioridade do povo europeu sobre os povos africanos, foram vítimas de sua própria propaganda, pois subestimaram os etíopes motivados por essa crença de inferioridade. Porém, o comandante abissínio, ainda que tenha usado uma estratégia de combate bastante previsível, massacrou 420 italianos. O comandante eritreu, Ras Alula Engida, fez parecer que havia batido em retirada, mas ao invés disso, havia ficado ali com as suas tropas, em Dogali, dentro de um grande fosso cavado na terra. E, assim, prepararam um ataque surpresa: “Il piano degli etiopi era prevedibile, ma nessuno degli ufficiali italiani si diede la pena di prevederlo” (Scego, 2020, p. 13)¹⁵. Em vista da tragédia ocorrida na Batalha de Dogali, derrota essa que quebrou o espelho narcísico, ao menos naquele momento, de um povo italiano que se supunha amplamente superior ao povo abissínio, era preciso continuar produzindo as notícias falsas: “‘Questa sconfitta dobbiamo trasformarla in vittoria’ – dicevano” (Scego, 2020, p.17)¹⁶. Era preciso colocar em movimento a máquina

¹⁴ “Mas o salário era bom e em casa havia bebês chorando e mulheres esperando por eles. Eles estavam com fome em casa. O salário de soldado cobria todas as despesas. Foi o dinheiro, mais do que o amor à pátria, que os levou para a África Oriental.”

¹⁵ “O plano dos etíopes era previsível, mas nenhum dos oficiais italianos foi capaz de prevê-lo.”

¹⁶ “Essa derrota devemos transformá-la em vitória, diziam.”

da propaganda colonial. Dos 420 italianos mortos na Etiópia, nas notícias se transformaram em 500, “perché la cifra suonava meglio nei titoli dei giornali” (Scego, 2020, p. 17)¹⁷. Era preciso, após um longo silêncio de muitos dias nos quais o governo italiano não sabia como dar a notícia da derrota, que eles fossem mostrados como mártires e heróis da pátria e que o povo abissínio fosse mostrado como o inimigo abjeto que impediu a “expansão” italiana na costa da Eritreia.

Ao final do prólogo, porém, o homem que salva Lafanu da multidão que quer linchá-la, diz: “Ma non capite, branco di cretini, che i veri patrioti sono gli abissini?” (Scego, 2020, p. 29)¹⁸. O colonialismo retira do sujeito colonizado a sua humanidade, aliena a sua identidade na sua lógica cartesiana do penso, logo extermínio, para parafrasear Grosfoguel (2016). É o Ser imperial (Dussel, 2005), o ““eu conquisto”, que começou a expansão colonial em 1492” (Grosfoguel, 2016, p. 31). Desde 1492, os europeus constroem epistemologicamente a chancela para exterminar outros povos.

4 ENSINO DE LITERATURA ITALIANA NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL E ANTIRRACISTA

Adotar uma perspectiva decolonial no ensino da língua e literatura italiana no Brasil, ou seja, o ensino de uma língua e de uma literatura estrangeira, significa incorporar uma perspectiva que questiona e desconstrói a visão eurocêntrica dominante no ensino da língua, da literatura e da cultura italiana. Dessa forma, fugimos da cilada e *d’O perigo de uma história única* (Adichie, 2019), abrindo espaço para que outros conhecimentos e saberes, advindos de outros povos, possam também contar a sua história e dar a sua versão e perspectiva dos fatos. Para tanto, trabalha-se com a inclusão de escritoras ítalo-africanas, ou afro-italianas e com outras autoras da diáspora para que se possa contrapor à ideia de modernidade europeia, símbolo de civilização, desenvolvimento e riqueza, o estudo do colonialismo que lhe é constitutivo. Neste projeto especificamente trabalha-se com a escritora Igiaba Scego. Sendo assim, o projeto se desenvolve numa perspectiva decolonial, ao visibilizar a expropriação de outros povos e continentes por parte dos europeus e a decorrente herança desse saque, que, não a caso, possibilitou o desenvolvimento econômico, cultural, tecnológico e epistêmico desse continente. Uma superioridade que foi se forjando desde a conquista das Américas e que se mantém até hoje através da colonialidade do poder (Quijano, 2005). Essa suposta superioridade foi construída a partir da violência, do saque e da dominação econômica, mas também social, física, do imaginário e da dominação dos saberes: “a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivada” (Mignolo, 2005, p. 75). Não se pode pensar a modernidade sem a reflexão sobre a colonialidade que lhe é constitutiva, pois foi a partir da colonialidade que a Europa pode produzir as ciências humanas e impor a sua

¹⁷ “porque o número soava melhor nas manchetes dos jornais”

¹⁸ “Mas vocês não entendem, bando de idiotas, que os verdadeiros patriotas são os abissínios.”

epistemologia como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, deixando de fora todos os saberes e epistemologias que não fossem ocidentais.

A Itália, também conhecida como *Il bel paese* (o belo país), seria apenas o berço da arte, dos inúmeros patrimônios históricos da humanidade da UNESCO e das muitas invenções de Leonardo Da Vinci e Michelangelo, os chamados renascentistas? Além, é claro, de ser o país da língua criada a *tavolino*¹⁹ a partir da alta literatura italiana com a chamada Três Coroas: Dante Alighieri, Francesco Petrarca e Giovanni Boccaccio? Igiaba nos conta através da sua história de vida e de seus livros *Minha casa é onde estou* e *La linea del colore* uma outra Itália, a que colonizou a região leste do continente africano: Eritreia, Etiópia, Gibuti e Somália, na segunda metade do século XIX. Se, no coração do Ocidente, temos Hitler e a herança das práticas do colonialismo que levaram ao Holocausto (Cesaire, 2012), no coração da Itália temos Mussolini. Aqui, portanto, ressalta-se que através do ensino da Literatura numa perspectiva decolonial é possível trabalhar em sala de aula a história da colonização italiana em África, o conceito de modernidade na perspectiva da sua relação intrínseca com a colonização e todas as implicações advindas disso nos séculos subsequentes, trazendo assim para o ensino de língua estrangeira as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*²⁰, no caso aqui, afroitaliana.

A Unificação da Itália, ocorrida em 1861, uniu territórios extremamente diversos entre si, seja do ponto de vista geográfico, como social, cultural e político. Houve a imposição de um dialeto para virar língua italiana *standard* num cenário em que existiam e existem até hoje mais de 400 dialetos. O dialeto de Florença foi o escolhido, em função da riqueza da literatura escrita em língua vulgar pelos escritores Dante Alighieri, Giovanni Boccaccio e Francesco Petrarca. A imposição de um único dialeto é uma tentativa de domar uma língua selvagem, para parafrasear o título do quinto capítulo do *Bordelands/La Frontera* de Glória Anzaldúa (2016). Além disso, a ideia da Itália como um país branco é outra ficção. Portanto, através da Literatura, se apresenta um modo de descolonizar o ensino da língua e da literatura italiana em sala de aula, tão idolatradas no Sul do nosso país - lugar de uma expressiva quantidade de pessoas descendentes de italianos. E, ao refletir sobre o racismo e o colonialismo na Itália, automaticamente se reflete sobre essa realidade também no Brasil.

Igiaba Scego, além de circular pelas escolas italianas e do seu forte ativismo com relação aos refugiados, propõe com a sua literatura uma verdadeira mudança de consciência com relação à ideia de casa, fronteiras e relação entre os povos. A escritora evidencia a criação e o surgimento de novas subjetividades com as suas literaturas, narrativas essas que trabalham com as histórias de vidas de mulheres existentes, ou ficcionalizadas, mulheres fronteiriças, mulheres que, a partir do *locus* fraturado pela diferença colonial (Lugones, 2020), criam novos lugares, abrem uma terceira via que, a partir da fratura e do lugar de subalternidade, fazem emergir uma nova consciência, a mulher fruto do Novo Mundo (Anzaldúa, 2016).

¹⁹ “Criado à mesa pelos intelectuais.”

²⁰ Resolução n. 01 do Conselho Nacional de Educação, aprovada em 17 de junho de 2004.

Trabalhar com a literatura de Igiaba Scego em sala de aula é trazer uma perspectiva de ensino de literatura que coloca em cena a relação entre três continentes: África, Europa e América Latina.

5 O PROJETO NA SALA DE AULA

A disciplina de Cultura Italiana I, do curso de Letras- Italiano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, prevê na sua súmula os seguintes temas:

O Estado Italiano: organização física e política. Estudo da geografia da Itália com o apoio de textos de autores contemporâneos, enfatizando aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais peculiares a cada região

Na bibliografia básica essencial, têm-se livros de dois autores italianos: *Identità Italiana* (Galli, 2010) e *L'Italia delle Italie* (De Mauro, 1992). O estudo da identidade italiana é bastante complexo, uma vez que a Itália era e ainda é um território bastante heterogêneo do ponto de vista geográfico, social, linguístico e político. À época da Unificação Italiana era preciso unir esse território fragmentado em muitos reinos, como por exemplo, para citar apenas alguns exemplos, o Reino da Sardenha e o Estado Pontifício. Nesses livros, fala-se sobre a posição geográfica extremamente privilegiada da Itália no contexto Europeu, mas não somente, reflete-se a respeito do poder do Estado da Igreja, do familismo e do individualismo característico da identidade italiana, de uma identidade que evoca a grandeza de Roma e do quanto essa identidade é narrada e interpretada pelos intelectuais que, em sua maioria, estão bastante distantes e alienados da realidade do povo (Galli, 2010). Não há nenhum estudo, menção, nenhum capítulo sobre a colonização italiana em África no fim do século XIX, ainda que se acene à colonização empreendida pela Itália do norte, mais rica seja do ponto de vista geográfico e econômico, que àquela do sul. Para além das bibliografias apresentadas na súmula, cabe ao professor trazer outros materiais que possam dialogar com o estudo. Para tanto, foi apresentado um projeto de literatura com o livro *La linea del colore* de Igiaba Scego, bem como de alguns trechos de dois outros livros: *Il rovescio della nazione: la costruzione coloniale dell'idea di Meridione* (Conelli, 2022)²¹ e *Bianco e Nero: Storia dell'identità razziali degli italiani* (Gaia; Lombardi, 2013)²², ambos sem tradução para o português e nos quais se traz a reflexão e o estudo das lógicas da colonização aplicadas pela Itália setentrional àquela do sul no que se refere à raça e gênero: *vediamo emergere il sud Italia non dalla storia degli stati-nazione ma dai perduranti effetti del colonialismo europeo* (Conelli, 2022, p. 4)²³. As mesmas lógicas que a Itália virá a aplicar em seguida nos países que colonizou no continente europeu:

[...] analizzare le scelte discorsive e le articolazioni simboliche che nei primi settant'anni dall'Unità assegnarono un preciso colore (da una sfumatura meno bianca al nero) a particolari settori e strati sociali presenti in una serie di aree della Penisola, così come alle popolazioni

²¹ "O avesso da nação: a construção colonial da ideia de sul"

²² "Branco e preto: História da Identidade racial dos italianos"

²³ "vemos o sul da Itália emergir não da história dos estados-nação, mas dos efeitos persistentes do colonialismo europeu"

sotto il dominio coloniale italiano in Africa. (Giuliani, 2013, p. 38)²⁴

Gaia Giuliani, socióloga das epistemologias do sul e professora na Universidade de Coimbra, em *Bianco e Nero*, elucida essa relação entre o sul da Itália e o continente africano, ambos colonizados pelo Norte.

6 UM CONVITE ATRATIVO

O projeto de leitura literária junto à disciplina de Cultura Italiana I levou em consideração alguns fatores primordiais, tais como: o leitor real, a sua subjetividade e o espaço da liberdade. Além disso, o objetivo foi o de manter-se longe dos formalismos, dos esquemas e da espera de que o aluno produzisse ou entendesse algo específico a respeito do texto: “as pesquisas em didática da literatura convergem atualmente para a necessidade de se repensar a abordagem dos textos em sala de aula e de se reconfigurar, no plano teórico, a noção de leitura literária” (Rouxel, 2013, p. 192).

Com o passar dos anos e da prática de ensino, cada vez o papel do professor se torna relevante, assim como o papel do sujeito leitor. O professor precisa estar motivado para o trabalho, pois ele disputa com uma série de outras formas de entretenimento mais velozes, atrativas e, talvez até, mais satisfatórias do que a literatura. É preciso mais do que nunca que ele tenha amor por aquilo que faz, que esteja realmente envolvido na prática e no projeto que propõe para assim estabelecer e criar uma comunidade em torno de uma leitura compartilhada. No livro *Ensinando Comunidade* (2021), bell hooks²⁵, inspirada por muitos outros educadores, entre eles Paulo Freire, reflete sobre o trabalho do professor em sala de aula, colocando em destaque o agir com o coração, a motivação e o amor pelo que se faz:

[...] o coração é o tear onde os fios são testados [...]. Não surpreende, então, que o ensino toque no coração, [...] e quanto mais se ama ensinar, mais comovente isso pode ser. A coragem de ensinar é a coragem de manter o coração aberto naqueles momentos em que se exige do coração aguentar mais do que ele é capaz, para que professores e estudantes e conteúdos possam ser tecidos dentro da trama da comunidade que o aprendizado e a vivência requerem”. (Hooks, 2021, p. 59)

²⁴ “[...] analisar as escolhas discursivas e as articulações simbólicas que, nos primeiros setenta anos após a Unificação, atribuíram uma cor precisa (de um tom menos branco ao preto) a determinados setores e estratos sociais presentes numa série de áreas da Península, bem como às populações sob domínio colonial italiano em África.”

²⁵ “bell hooks, assim mesmo, em minúsculas, é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa. Sua vasta produção articulava as relações entre o imperialismo econômico, a supremacia branca e o patriarcado, tornando-se referência fundamental para toda produção intelectual voltada a compreensão dos entrelaces entre as dinâmicas de raça, classe e gênero nas práticas culturais, acadêmicas, subjetivas e cotidianas”. Disponível em: <https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vaou-perdemos-bell-hooks>. Acesso em: 21 jun. 2025.

A proposta de trabalhar com o livro parte de um convite atrativo, pois se apresenta a escritora, o livro, a sua ligação com o Brasil e com a América Latina, dando assim aos estudantes uma chave de leitura da obra. Existem inúmeros materiais autênticos disponíveis em rede que mostram os livros, o trabalho de Igiaba Scego e sua forte relação com a América Latina. Os alunos decidem se querem ou não ler, ressaltando também que não há a obrigatoriedade de ler o livro na íntegra.

O professor propõe o projeto de leitura literária para em seguida testá-lo durante o processo que envolve fazer o convite atrativo e aguardar a resposta positiva ou não dos alunos na semana seguinte. Uma semana para ver se o projeto se cria, se ele engaja aquela comunidade de alunos. É preciso pensar, da mesma forma, no espaço de liberdade: os alunos poderiam aceitar ou não a proposta de leitura literária. Caso não aceitassem, discutiríamos a possibilidade do trabalho com um outro livro. E se aceitassem, poderiam ler o quanto conseguissem, sem a necessidade de terminar a obra. O texto não poderia ser usado como um pretexto, mas sim com um propósito de trazer para o estudo uma perspectiva outra dos acontecimentos ligados à Unificação Italiana.

7 METODOLOGIA

Quais seriam as metodologias e as estratégias adotadas para fomentar a leitura literária do livro *La línea del colore*? O primeiro passo dado na aplicação do projeto de leitura literária foi o de fazer, como já dito, um convite atrativo aos alunos, além de, através de uma aula expositiva, dar uma chave de leitura do livro. Para isso é importante que o professor esteja bastante motivado e que de certa forma carregue o livro e os seus temas para a sala de aula. A motivação do professor também compõe a atratividade do convite. Em rede, através de artigos, vídeos e entrevistas de Igiaba nas plataformas de podcasts, existem muitos materiais autênticos e de qualidade para trabalhar com *La línea del colore*. Foi explicado que se eles aceitassem o projeto, o trabalho se desenvolveria da seguinte forma: eles compartilhariam no início de todas as aulas, em língua italiana, a experiência de leitura com o livro e seriam convidados a dizer em que página estavam. A ideia era fomentar a leitura a partir da partilha da subjetividade dos alunos no processo de ler a obra literária. Mais do que dar informações sobre o livro, o convite era para eles falassem sobre a experiência de ler um livro longo e em língua estrangeira. Foi ressaltado aos alunos que a professora queria deles a verdade da experiência de leitura: suas dificuldades, sentimentos e motivações para seguir lendo, ou não, a obra.

8 ALGUNS RESULTADOS

A literatura de Igiaba Scego costuma engajar bastante os alunos na leitura dos seus livros. De modo geral, eles acabam lendo o livro na sua íntegra, mesmo que não haja essa obrigatoriedade. As discussões em sala de aula são sempre muito ricas e surgem, a partir delas, reflexões muito interessantes a respeito do racismo, das fronteiras e da necessidade de se olhar para a história trazendo à cena outros saberes que não somente aqueles

eurocentrados. Cria-se uma comunidade literária (Hooks, 2021) a partir do espaço da liberdade e do compartilhamento da subjetividade do leitor na experiência de leitura da obra. E nessa comunidade, fala-se de literatura italiana, de literatura brasileira e faz-se a reflexão sobre os temas tratados, o que produz uma espécie de letramento racial através do ensino da literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, fruto de um projeto de ensino de literatura desenvolvido em sala de aula na disciplina de Cultura Italiana I, no curso de graduação em Letras – Italiano da UFRGS, procurou demonstrar que o ensino de língua, cultura e literatura italiana pode ser feito a partir de uma perspectiva decolonial. Uma vez que existem inúmeros escritores e escritoras, bem como teóricos, que estão pesquisando e produzindo materiais que contam o avesso do estado-nação italiano, ao mesmo tempo que estão estabelecendo também um intenso e frutífero diálogo desses acontecimentos com o continente latino-americano não existe razão para que não se trabalhe com o ensino de língua estrangeira numa perspectiva decolonial nas universidades brasileiras.

Nesse sentido, privilegiou-se aqui o trabalho da escritora Igiaba Scego com o seu livro *La linea del colore*. Devido ao seu intenso diálogo com a América Latina bem como com o Brasil, Igiaba oferece, com a sua literatura, ao professor e aos estudantes de italiano de língua estrangeira um profícuo material para que se faça um verdadeiro giro decolonial no processo de ensino e aprendizagem de italiano como língua estrangeira, bem como permite que, ao mesmo tempo, se façam essas reflexões também no contexto brasileiro. Além disso, no que concerne ao projeto dentro da sala de aula, percebe-se que o espaço da liberdade na escolha de um livro e a não obrigatoriedade de lê-lo na íntegra contribuem para que os alunos se motivem mais a ler a obra literária. É importante igualmente que a criação de uma comunidade literária se dê com escuta e respeito às experiências de leitura dos alunos (Hooks, 2020). Essa experiência muitas vezes está atrelada às experiências precedentes na formação desse sujeito leitor e, por isso mesmo, junto da proposta do projeto de literatura, pediu-se aos alunos que compartilhassem acima de tudo as suas experiências pessoais com a leitura. Uma vez que se vive numa sociedade de hiperconectividade e bombardeamento de informações, é necessário que o aluno tenha também à sua disposição uma chave de leitura da obra através de meios que ele usa na sua vida cotidiana, tais como vídeos do YouTube, artigos na rede e podcasts disponíveis em inúmeras plataformas. Propor um projeto de literatura, em meio a um cenário em que existem tantas outras formas de entretenimento, é um desafio, mas é por isso mesmo que deve ser proposto. E, para finalizar, nesse contexto, Igiaba oferece igualmente um frutífero material autêntico facilmente disponível na rede para que se possa desenvolver um projeto interessante e convidativo com a sua literatura. Existem inúmeras entrevistas suas em vídeos no YouTube e em podcasts, bem como livros e artigos nos quais a escritora faz uma ponte com a América Latina e com o Brasil, promovendo uma verdadeira valorização da literatura, da cultura e dos saberes advindos do sul global.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. *O Perigo de uma História Única*. Tradução de Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANZALDÚA, G. *Bordelands/La Frontera*. Tradução de Carmem Valle. Madrid: Capitán Swing Libros, 2016.
- ARENDDT, H. *Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CÉSAIRE, A. *Diário de retorno ao país natal*. Tradução de Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Edusp, 2012.
- CONNELLY, C. *Il rovescio della nazione: la costruzione coloniale dell'idea di Meridione*. Napoli: Tamu Edizioni, 2022.
- COSTA, J. B.; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, 2016, 31(1), 15-24. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6077>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- DELLI, M. U. *Storia vera dell'Italia nera: gli afrodiscendenti che hanno fatto la Storia d'Italia, dall'Impero Romano a oggi*. Milano: Mondadori, 2024.
- GAIA, G.; LOMBARDI, C. D. *Bianco e Nero: Storia dell'identità razziali degli italiani*. Milano: Mondadori, 2013.
- GALLI, E. della L. *L'Identità Italiana*. Bologna: Il Mulino, 2010.
- GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, 2016, 31(1), 25-49. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- HOOKS, b. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. Tradução de Kenia Cardoso. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2021.
- LANGLADE, G.; ROUXEL, A.; REZENDE, N. L. de (Org). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. In: HOLANDA, H. B. De. *Pensamento Feminista hoje, perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277.

ROMEO, C. *Riscrivere la nazione: la letteratura italiana postcoloniale*. Milano: Mondadori, 2018.

SCEGO, Igiaba. *La linea del colore*. Milano: Bompiani, 2020.

SCEGO, Igiaba. *La mia casa è dove sono*. Torino: Loescher, 2010.

SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*. Tradução de Francesca Cricelli. São Paulo: Nós, 2018.

SCEGO, Igiaba. Viajantes. In: MELLO, P. C. *et al. Fronteiras: territórios da literatura e da geopolítica*. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

WALSH, C. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento 'otro' desde la diferencia colonial. In: WALSH, C.; LINERA, A. G.; MIGNOLO, W. *Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento*. Buenos Aires: Del Signo, 2006. p. 21-70.